Ruben Almeida - Mário M. Meireles

Biblioteca Pública
Gov. João Marcelino

A Glorificação de Gonçalves Dias

RMA
9.95
147g

0032178/2003
L0000032181

O ESTADO

SÃO LUÍS - 1962

869.5B
A447

Ruben Almeida - Mário M. Meireles

ORMA
869.95
A 447g

30 6 64

A Glorificação de Gonçalves Dias

Edição comemrativa do transcurso do 98.º anvierário de morte de Antônio Gonçalves Dias (1864 - 1962)

SENEC-MARANHÃO
Departamento de Cultura
Intercambio Cultural

2

T. 32478
T. 3248

São Luís - Maranhão - 1962

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Todos os anos a cidade de São Luís comemora o dia 3 de novembro, como a data consagrada a Antônio Gonçalves Dias.

Consiste essa comemoração em uma romaria cívica à estatua do poeta, na antiga praça dos Remédios que hoje tem seu nome. Estudantes e escritores, educadores e o povo em geral congregam-se à roda do mármore sublime para tributar ao excelso cantor da gente brasileira a mais sentida e pura das homenagens.

Essa romaria data de muitos anos e idealizou-a o escritor luso Fran Paxeco. Foi recebida com simpatia e calor e de então para cá anualmente o poeta recebe, no dia 3 de novembro, a oração votiva dos maranhenses.

Êste ano o Departamento de Cultura, em colaboração com a Academia Maranhense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, patrocinou as festas gonçalvinas que atingiram o esplendor de que se revestiam outrora.

O programa elaborado foi simples mas significativo. Iniciou-se o ato cívico com o Hino Maranhense, harmoniosamente entoado pelo excelente coral do Instituto de Educação, fazendo-se ouvir em seguida o professor Ruben Ribeiro de Almeida em tersa oração que é um hino de glorificação ao poeta da raça. Em seguida, graciosa estudante do Ginásio Rosa Castro recitou a poesia "Adeus aos amigos do Maranhão" e o acadêmico Mário Meireles pronunciou breve mas vibrante discurso, seguido da "Canção do Exílio", entoada pelo orfeão do Instituto de Educação. Em vibrante e formoso improviso, rematou esta festa de alta espiritualidade o cônego Ribamar Carvalho, titular da Secretaria de Educação e Cultura, que falou em nome do Govêrno do Estado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ORAÇÃO PRONUNCIADA PELO PROFESSOR RUBEN RIBEIRO DE ALMEIDA

Apresenta-se insuficiente a voz humana, para celebrar, ao nível exato do apreço, a glória de Gonçalves Dias.

Nada obstante as gradações e eloquência de que susceptível, as inúmeras vozes até hoje levantadas, calorosas e incondicionais, não têm bastado a entoar-lhe os merecidos louvores.

Para satisfatòriamente fazê-lo, tornar-se-ia necessário — avaliai o sonho! — conjugar, em monumental concêrto, tôdas as vibrações da natureza e do engenho humano, mínimas e máximas; imperceptíveis quase, aquelas; suaves, harmônicas, sonoras; quase insuportáveis, estas, brutais, desarmônicas, confusas.

Assim, farfalhar macio de esveltas palmeiras, de manso acariciadas por embalsamadas brisas — estrelejar assustador de florestas, impiedosamente açoitadas por louco vendaval; murmúrio quérulo de cristalinos regatos, entre alvos seixos deslisantes — fragor medonho de catadupas gigantescas, arrojadas em vórtices abissais; marulho religioso de beiramar, à hora suave do crepúsculo, quando a terra, contrita, se recolhe para rezar a litania das vésperas — bramido atroador de vagas indômitas, em lúgubres noites de tormenta, esboroando penedias, sossobrando embarcações; tatalar alegre musicando o espaço ou arrulo gemente de columbinos solteiros, no recesso dos bosques — volteio angustioso de procelárias pressagiadoras de tempestade aos gritos agudos de rapinantes perseguindo vítimas; gorgeio de pássaros em tépidos ninhos, saudando, felizes, róseas madrugadas — rugidos atroadores de feras, no deserto, famélicas de carnagem, sedentas de sangue; vagidos sutis de recém-natos, reagindo ao insólito meio circundante — anátemas cruéis e assustadores de encolerizados profetas bíblicos, nas margens estéreis do Jordão; acordes líricos e bucólicos de rústicas ávenas pastoris ou estalos doridos de cítaras de antigos aêdos, casados ao balido de dóceis ovelhinhas — clangor estarrecente de trombetas de guerra, mesclado ao estampido de granadas mortíferas.

E mais, e mais...

Sim. Tôda a gama diatônico-cromática de sonoras vibrações, infinita como a das côres, por outro poeta qualificada, Apoteose do Som, tôdas elas seria necessário de conjugarem-se, em wagneriana orquestração, para celebrar-lhe a glória, na tarde em que, pressurosos, lhe vimos, entre palmas, entoar louvores e hosanas. Que êle — predestinado — as teve, da mataria natal, onde viu a luz, às vagas atlânticas, onde a perdeu; e, tendo-as e sentindo-as, soube, como nenhum outro, expressá-las. Cantando, em carmes espontâneos, a inteira escala de sonoridades, oferecida pela natureza, como, por igual, a escala afetiva de sentimentos apaixonantes, aninhados no humano coração. Desde as

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de maior ternura e meiguice, suavidade e tristeza, quais como o sofrimento, melancolia e saudade, equivalentes ao farfalhar de palmeiras e ciciar de brisas, murmúrio de regatos e marulho de beiramar, tatalar e arrulos, gorgeios e vagidos, acordes de ávenas e estalos de cítaras. As de maior violência e impetuosidade, como dores e queixas dos índios, que eram as suas próprias queixas e dores, pois as trazia no sangue, contra preconceitos raciais e orgulho nobiliárquico, ciúme, inveja, despeito, intriga, ingratidão, equipolentes aos vivos do vendaval e fragor de catadupas, bramido de vagas e rugidos de feras, anátemas de profetas e clangor de trompas guerreiras.

Eis por que a orquestração idealisada dessas sonoras vibrações, sentidas e expressas, devia mostrar-se, na tarde de louvores e bênçãos, hosanas e aleluias, para, a contento, celebrar-lhe a glória inacessível.

E que é, afinal, o Poeta — indaga-se — senão aquêle eleito, apto a sentir e interpretar, com inexcedível fidelidade, a natureza, que lhe é teatro, e o homem, que lhe é ator? Aquêle, no conceito de Leopardi, capaz de "explorar o próprio peito", onde vêm repercutir tôdas as sensações, provindas do mundo exterior, porque lhes serve de síntese do mundo interior? Aquêle que, em percuciente, penetrante trabalho introspectivo, sabe dissecar o próprio coração, escrínio de sentimentos, e, nas fibridas mais íntimas e recônditas, descobrir quanto de belo e puro, sagrado e exemplar, se contêm, para manifestá-lo aos outros? Aquêle que sofre, tanto por intrínseco à constituição dos viventes, quanto por incompreendido dos semelhantes, e do sofrimento, orgânico e moral, faz seu culto, do qual, ao mesmo tempo, sacerdote e devoto, oficiante e crente ao mesmo tempo?

Aquêle que se reconhece superior à massa ignara, ao "vulgo vil sem nome", camoneano, e assim sendo, em verdade — pouco importa o desconheçam — cultua um santo orgulho, um amor próprio legítimo? Aquêle cujos brazões heráldicos residem no comportamento e saber elaborado, no cultivo da verdadeira amizade, do reconhecimento, da gratidão?

Gonçalves Dias soube afirmar-se êsse Poeta.

Cumpre aos sábios explicar as leis da natureza, aos artistas, imitá-la, mas a interpretação e expressão, essa é privilégio do Poeta.

Gonçalves Dias soube ser êsse Poeta.

Para admirar o negrume da noite, devem os bólidos de incendiarem-se a temperaturas incríveis, até que, fragmentados, se dissolvam em poeira fosforescente e risquem o céu, em portentosas parábolas. Para iluminar a inteligência, tem o Poeta de arder na febre da inspiração, até se consumir, deixando também fulgurante rastilho luminoso no céu literário.

Gonçalves Dias soube inscrever-se êsse Poeta. No formoso poema "Alma das Coisas", Ulpiano Brandão imagina o Criador insatisfeito com os sêres, à medida que os ia criando: o do reino mineral, porque junto ao alabastro estava o carvão; do vegetal, porque a brisa aromá-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tica defrontava a mancenilha venenosa; do animal, porque a mansidão da pomba contrastava a feresa do chacal; do humano, porque ao lado do santo figurava o criminoso. E já desesperava da obra imperfeita quando lhe acudiu criar o Poeta, síntese de tôdas as bondades, Pandora de tôdas as perfeições.

Gonçalves Dias soube erigir-se êsse Poeta.

Se, de um lado, avarento, lhe negou o destino caracteres raciais e fidalgos, pródigo, de outro, e pela lei das compensações, outorgou-lhe excepcional inteligência, ultrapassando o talento, para situar-se nas raias do gênio.

E fê-lo Poeta. Não apenas nos *Cantos* e Poemas épicos, outrossim em livros, como *Meditações*, onde o estilo se alcandora a nível inatingido.

Dos átomos invisíveis e imponderáveis extrai a ciência hodierna fôrças capazes de destruir a humanidade e, quiçá, o mundo. Da cerebração herculea, aninhada em minguado organismo, extrai o Poeta outras fôrças, capazes de torná-lo puro de sangue, fidalgo de linhagem.

Orfeu Helênico, refere a lenda — paralizava rios e amansava feras, aos simples acentos de suas lira mágica... Orfeu Maranhense, se a tanto não chega, por impossível, paraliza, ao menos, nossos impulsos, amansa nossos instintos, fazendo despontar a lágrima furtiva, acelerando, emotivo, o ritmo cardíaco, comovendo-nos, humanizando-nos.

Glória a ti, excelso cantor da terra e gente brasileira, mirando, do alto de tua pétrea palmeira, o largo oceano que tanto enalteceste e, por isso, talvez, reconhecido, te guarda o corpo em túmulo inviolável!

Glória a ti, vate sublime, que conquistaste para tua e nossa terra o título de ouro, que outra terra, jamais, tentará arrebatar-nos!

Glória a ti, mameluco insigne, que exaltaste o valor de teus irmãos das selvas, na feição literária, até agora sem rival, primeira grande voz a erguer-se advogando a causa de uma raça oprimida, coberta de opróbrios, apodos e maldições!

Ouve! ao teu redor, mirradas palmeiras, ainda assim farfalhando ao perpassar de brisas crepusculares; no alto de azas em busca de ninhos; ali, as vagas se aquietarem para a litania das vésperas; além, as vozes vindas de ultra-mar, por onde passaste dias amaríssimos.

E vê! Vê êste povo que te cerca o monumento, êste que te cultiva a memória, como a de nume tutelar.

É de uma geração distante da tua mais de século, e mais de meio, desde que Fran Paxeco instituiu esta romaria à guisa de novas panateneias.

Estas vozes que te exaltam são herdeiras lídimas das que se ouviram na inauguração de teu monumento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que nunca deixes de vê-lo, a êste povo, e ouvi-las, a estas vozes. Não, sem dúvida com a mesma imponência de tempos de mais acendrado civismo; o povo, em rumorosa procissão cívica, conduzindo andores com o teu retrato, e bandeiras e corcas de flores. E estipes das palmeiras, então viçosas, se enchiam de galhardetes e bandeirolas, e bandas marciais sonorisavam o ambiente; e vozes juvenis entoavam hinos e declamavam poesias... Ainda, porém, se contam devotos fiéis de teu culto; enfileiram-se ainda adornadores de tua musa.

Esta praça é o templo, pagão, no bom sentido, pois situada em pleno pago, em campo aberto, tendo por piso o mesmo solo e por teto o próprio céu. Neste templo, um altar — esta palmeira; neste altar, um ídolo — tua estátua, ambos expostos à intempéries. Doure-os o sol ou os prateie o luar, banhe-os a chuva ou os enxugue o vento, serão sempre formosos, assim, marcados de pátina; sempre dignos de respeito e veneração. Côro de vozes, e de tôdas as vibrações da natureza. Adoradores fetichistas todos nós, fetichistas porque enfeitiçados com a magia de tua arte. E, se é possível, uma última fantasia, de vez que falamos com mentalidade ultra romântica a quem foi impenitente romântico, dentro dêsse peito de pedra, um lindo coração, vivo, estuante em descompassada pulsação, pela comoção inebriante de sentir-se cada vez mais querido, venerado cada vez mais, da sua e nossa gente, da gente brasileira, da gente americana, da gente mundial, enquanto houver, num canto do universo, quem ame e sofra. e amor e sofrimento saiba, chorando, traduzir em verso...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Neste recanto de São Luís, que a fé e a Poesia fizeram sagrado em terras do Maranhão — a estátua do Poeta, entre palmeiras, olhando o mar distante que lhe sepulta o corpo..., a ermida branca apontando o céu a que sua alma ascendeu; neste recanto onde, como em olímpicos domínios, arcanjos e musas se congregam, as vozes em côro, para a glorificação do Poeta sob o pálio da divina proteção da Senhora dos Remédios...; neste recanto, o mais querido de São Luís, reunimo-nos todos os anos, neste dia e a esta hora, para nos confundirmos, como em espiritual transporte, naquele côro celestial de arcanjos e de musas...

Naquele côro celestial, de musas e de arcanjos, que neste instante, não o escutem embora nossos mortais ouvidos, está baixando, dos céus à terra, como se fôra um orvalho de sonoras e imperceptiveis gotículas, através dêsse azul infinito em que êsses flocos brancos de nuvem são novelos de harmonia...

Tentai escutá-lo — no sussurro da brisa que perpassa..., no múrmuro balouçar das palmas que parecem emudecidas..., no surdino marulhar das ondas que nos vem da praia ao longe...

Ouví...; ouví com Fé e o escutareis.

E assim o fazemos, hoje, como ontem o fizeram nossos pais, porque assim fizeram nossos avós e assim haverão de fazer, amanhã, nossos filhos, e o farão, para sempre, os filhos de nossos filhos.

Fazemos como o fizeram e como haverão de fazê-lo os maranhenses, em todos os tempos, porque o Poeta que em mármore entronizamos nesta praça é o Poeta maior de todo o Brasil — o Poeta a quem os deuses transmitiram as virtudes que só comunicam aos que dêles são eleitos para a glorificação da imortalidade. E o fazemos menos, talvez, para prestar ao Poeta, o culto de nossa veneração pela excelsitude de sua Arte, que para render graças aos céus por no-lo ter concedido; por tê-lo feito nascer, dentro dêste Brasil imenso, neste Maranhão que pela glória de lhe ter servido de berço, a êle e a outros tantos eleitos das musas, fêz-se a Atenas dêsse mesmo Brasil.

Ouví, pois...; ouví com Fé e a escutareis — a Poesia que nos envolve neste instante porque a entoam as musas e os arcanjos.

Ouví...; ouví com Fé; e se não a puderdes escutar na brisa que perpassa, nas palmas que murmuram ou nas ondas que marulham, a ouvireis, por certo, dentro do peito, subir-vos do coração aos lábios... E cantareis, com as musas e os arcanjos, nos versos do Poeta:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nosso céu tem mais estrêlas,
Nossas várzeas têm mais flôres,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores...

.....

Não permita Deus que eu môrra
Sem que eu volte para lá...

.....

Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite